

O manifesto da Cruzada Nun'Alvares

Prometemos fazer uma ligeira análise d'êste curioso manifesto, verdadeiro *test* da nossa mentalidade conservadora. Por essa análise creio que espera o sr. Trindade Coelho para poder responder às nossas considerações. Começamos hoje por cumprir a nossa promessa. Depois da Cruzada será a vez dos integralistas! E como muitas ideias são comuns às duas hostes conservadoras, duma cajadada mataremos dois coelhos: ou, pelo menos, um coelho e um raposo. Devo declarar, antes de mais nada, que nunca as minhas críticas, por mais violentas, derivam de qualquer ódio político ou antipatia pessoal. É preciso não ter do meu carácter o menor conhecimento íntimo para se não reconhecer que estou sempre disposto a prestar justiça aos meus próprios inimigos, a respeitar os seus direitos, a fazer calar em mim todas as veleidades pessoais, e a afirmar-lhes, acima de todas as disputas, a minha solidariedade de cidadão no momento em que a sua liberdade perigou ou a sua dignidade seja ofendida. Quando se trate de ideias ou de factos que eu reconheça prejudiciais aos interesses do país, contem com o estadinho da minha crítica, porque devem contar com a minha consciência de cidadão. (Certos indivíduos que nunca fizeram na sua vida senão verbalismos idiotas e confusos chamam a esta crítica verbalismo; um dia lhes mostrarei que, no estado da consciência portuguesa, essa crítica é absolutamente necessária; e que, como estou aqui para corrigir os nossos delitos de pensamento, estou também para prestar justiça aos Homens de Acção Desconhecidos. Mas eles compreendem tanto aquela crítica como esta acção.) Quando, porém, uma política de energúmenos queira confundir os homens honrados da Cruzada Nun'Alvares com os burlões que por acaso se tenham imiscuido no seu seio, ou pretenda apresentar-nos como conspiradores criaturas dum pacifismo tão evidente como o sr. Silva Amado, o adversário da Cruzada protesta mais alto que os próprios cruzados. Haverá aí vinte portugueses capazes de compreender a minha atitude? Dito isto, prossigamos.

Propõe-se a Cruzada ser o salvatério de todas as nossas desgraças nacionais. Nós propomos, pelo contrário, que se considere o espírito que ditou o seu manifesto como a maior desgraça nacional. Todos os vícios mentais dos portugueses se revelam ali num *kodak* estupendo: o frasiismo sem ideias, o psitacismo sem nexo, o ilusionismo sem freio, a falta de clarificação das ideias mais elementares, o renitente apêgo às velhas formas do patriotismo e do tradicionalismo. De maneira que o manifesto da Cruzada não vem no fundo responder a esta pergunta: O que devemos fazer para salvar a nacionalidade? Mas a esta precisamente: Perante as dificuldades tremendas da situação, qual deve ser o espírito e a atitude da elite portuguesa para a nação ir irremediavelmente para o fundo? Postas assim as coisas, o manifesto da Cruzada é excelente. Revela êle uma tal imprecisão de ideias, uma tão grande confusão da inteligência, e até uma tão profunda desorganização do estilo que se tem involuntariamente a impressão de estar lendo um documento *ad usum psichiatri*. Custa-nos sinceramente ver uma elite, e entre ela alguns homens de tanta cultura, e, no fundo, de tão grande saúde mental, descer ingloriamente a um tão baixo nível de espírito. Reconhecemos assim quão grande é a dis-

tância entre a competência profissional, a inteligência unilateral do técnico e do especialista, e a verdadeira inteligência humana, do homem que não deixou secar o entendimento entre as quatro paredes do seu gabinete, e não perdeu, com as especializações dos seus estudos, a clara inteligência das ideias gerais. Falta-lhes, é evidente, êsse largo sopro de humanidade, êsse harmonioso equilíbrio, essa radiante luz do intelecto que só podem dar uma cultura filosófica e um vivo interesse pela vida social. (1) A Cruzada começa por ter como *sagrado emblema* «Nun'Alvares na plenitude das suas virtudes», o que não significa absolutamente nada (como é mais natural) ou quer dizer que devemos imitar do herói antigo as proezas do guerreiro e as abstinências do monge. Empunhar a durindana e envergá-lo hábito, eis o ideal que nos propõe uma coorte de homens cultos portugueses para resolver os problemas *actuais* de Portugal... Estaremos nós sonhando — e não seremos realmente ainda súbditos del rei D. João I?

Através de todo o manifesto a figura de Nun'Alvares é evocada. Foi êle que «em nome de Deus e em nome dos homens [vejam a frase estereotipada e vazia] abriu em Aljubarrota e em Valverde o caminho que nos conduziu à Renascença! Nun'Alvares iniciador da Renascença! E assinam isto historiadores e professores de história!

E' em nome de Nun'Alvares (e não em nome dos nossos actuais interesses, do nosso futuro ameaçado, do bem estar e dignidade dos nossos filhos) que o país deve ouvir os cruzados. E' Nun'Alvares, «símbolo da raça», que o há de conduzir, numa manhã de névoa, aos novos destinos que o esperam. Nun'Alvares — e Cunha e Costa.

Quais são os fins expressos da Cruzada? São, entre outros:

Acordar e utilizar todas as energias do povo português, radizando nele o amor da sua terra e o culto dos seus heróis. Da maneira como a frase está construída, se conclui que é o amor da terra e o culto dos heróis nacionais que há de acordar as energias do povo português. Continuamos na ilusão do patriotismo retrospectivo. Continuamos a julgar que bastam as páginas da história para nos ensinar a viver uma vida inteiramente humana. E' com a voz dos mortos que teimamos em querer acordar os vivos. — E se procedêssemos ao invés? Se fôssemos a ensinar energia com aquela que nós mesmos desenvolvêssemos? Se fizéssemos do exemplo de cada dia a grande lição social? Não seria a tarefa dos educadores e dos organizadores um pouco mais eficaz que a dos pregadores de história?

Estimular todas as iniciativas de manifesto interesse nacional, proclamando a liberdade em todos os ramos da produção. Exemplo típico de desorganização mental, pela ligação de ideias sem verdadeira relação lógica. Basta *proclamar* a liberdade em todos os ramos da produção para *estimular* as iniciativas de interesse nacional? Não será, pelo contrário, um excesso de liberdade económica (como nos

(1) Leiam os senhores os artigos políticos do sr. Pequito Rebelo na *Monarquia*, e verão até que ponto um homem inteligente em Portugal, saindo para fóra do quadro da sua especialidade, pode caminhar no sentido dos illogismos e das monstruosidades mentais.

latifúndios alentejanos) que será uma das causas da nossa paralização económica e da falta de iniciativas de manifesto interesse nacional? E todas as iniciativas d'este género serão simples actividades de produção?

Pugnar pela formação do carácter. Pugnem, pois, pela formação do carácter.

Reconstituir a família tradicional, base de toda a sociedade organizada, porque a Pátria nada mais é do que o agregado das famílias que a constituem. Todo o intelectual que fica no vago e nos subentendidos falta à primeira das suas obrigações sociais. Era, pois, dever da Cruzada elucidar o que é que entende por *família tradicional*, e como é que essa família se encontra destruída ou abalada, pois que é mister reconstituí-la. Será a *família tradicional* a sociedade conjugal no regimen da indissolubilidade? Vai pugnar a Cruzada pela abolição do divórcio? Iremos interrogar, para o saber, as pitonizas de Delfos.

Mas, porque é que se deve reconstituir a família tradicional? «Porque a Pátria — dizem-nos os cruzados — nada mais é do que o agregado de famílias que a constituem». Para o assêrto ter ao menos essa forma lógica que o tornaria aceitável em princípio, seria necessário que a Cruzada afirmasse, e demonstrasse, que a Pátria era, não um simples agregado de famílias, como escreve, mas um agregado das tais famílias *tradicionais* que ela não define. Se a Pátria subsiste com a família *não tradicional*, como é que o facto de ela não ser mais que o agregado de famílias que a constituem nos obrigaria, para a manter, à necessidade de reconstituir a *família tradicional*? Seja, pois, qual for aqui o sentido da palavra *tradicional*, não haverá mais na conclusão que nas premissas.

Quanto à noção de pátria como simples agregado de famílias, estamos em plena doutrina integralista e será mais tarde ocasião de falar dela.

Nacionalizar o espirito científico, cuidando da instrução geral, técnica e artística nos seus diferentes graus. Mais uma crise epiléptica de nacionalismo. Ninguém, no inteiro uso das suas faculdades, pode explicar que coisa seja «nacionalizar o espirito científico». Se há coisa universal, que só valha exactamente pelo que contém de universal e na medida em que obedece às leis *universais* da razão, é precisamente o espirito científico. Pode existir uma arte nacionalista, uma literatura nacionalista, uma política nacionalista: nunca até hoje ninguém descobriu uma ciência nacionalista.

E como pretendem estes senhores criar um espirito científico nacional? Ouvi, ó moços de Portugal, qual a receita que vos formulam os novos salvadores para poderdes ser no futuro criadores de ciência: dando-vos instrução geral, técnica... e artística! Quanto à instrução superior, nada tem que ver, é evidente, com a «nacionalização do espirito científico». Naturalmente, reservamos tal ensino para a «nacionalização» do senso estético.

Promover a unidade moral da nação portuguesa, e consequentemente concorrer para a solução do problema da ordem pública, sem a qual não há vida possível. Simplesmente admirável. O grave do caso, porém, é que a mesma Cruzada nos declara mais adiante que, «não vindo fazer afirmações políticas no meio do delírio geral», e vindo, pelo contrário, «proclamar, agitar, realizar uma obra», não o poderá fazer «sem que a solução do problema da ordem pública seja um facto consumado». Sendo assim, como a Cruzada quer promover a unidade moral da nação portuguesa para se poder resolver o problema da ordem, mas por outro lado nada poderá fazer enquanto este problema não estiver resolvido, a Cruzada naturalmente vai tomar a

decisão mais consentânea com o seu excelente estado de espirito: recolher-se a penates e dormir o sono dos justos. Vejam se, em boa lógica, sai outra consequência destas afirmações contraditórias: 1.ª a ordem pública como consequência da acção da Cruzada; 2.ª a ordem pública como condição essencial para essa acção se exercer. Enredada no círculo inextricável destas afirmações, não se vê maneira de ela cuspir, como Zarathustra, a cabeça da serpente!

Pois D. Cruzada e minha senhora, *minha senhora e madre*, saiba Vosselência que a primeira condição da ordem pública é a ordem das inteligências. Não é com o espirito em sarabanda de ideias delirantes, cabriolando e redopiando na vertigem, que poderá haver no nosso país verdadeira ordem. *Só quando pensarmos honestamente e claramente poderemos proceder com honestidade e lisura.* O macrocosmo será a reprodução exacta do microcosmo, a sociedade há de ser a fiel representação do espirito. Aprenda a Cruzada, aprendamos todos nós, a pôr ordem nas ideias, e verá Vosselência como será muito mais fácil estabelecer a ordem nas ruas!

Preconizar a disciplina social, como meio de se obter a unidade de força e a ordem na sociedade. Preconizar a disciplina como meio de se obter a ordem... e a unidade de força!

Intensificar a riqueza, pelo aproveitamento de todos os factores do solo e sub-solo. Reparem os senhores: não pretende a Cruzada intensificar a riqueza pelo aproveitamento do solo e do sub-solo, mas dos seus *factores*. A propriedade de expressão não é a especialidade da Cruzada.

Chamar a actividade todos os valores colectivos e todos os valores mentais e morais da sociedade portuguesa. Temos, pois, os valores da sociedade portuguesa classificados em dois grupos: a) valores colectivos; b) valores mentais e morais.

Procurar, nos vários continentes, a expansão de Portugal, expansão reclamada pela sua história, pela sua tradição e pela sua situação geográfica. Quando não aproveitamos as riquezas do próprio continente e deixamos ao desbarato o que possuímos nas colónias, quando a nossa situação é tal que só à custa de esforços consideráveis poderemos conservar o que é nosso, aparece-nos este grupo de intelectuais, tantos êles de cabelos brancos e longa experiência das coisas, a pragar-nos o imperialismo lusitano! Não tenha o mundo receio d'estes Césares de *cache-nez*. Eles acabarão, muito simplesmente, por jogar o lôto em família.

Chamar a atenção para todos os paralogismos, impropriedades e tatibitismos de ideias e do estilo do manifesto da Cruzada seria tarefa que exgotaria as forças do mais pintado, tivesse êle as ganas dum Saladino. Basta dizer que é tão grave pela perturbação mental que chega a dotar de duração o próprio espaço. «Portugueses! — exclama — pela Pátria eterna no tempo e no espaço.»

Se transcrevi todos êsses trechos, não é porque ligue mais importância à letra do que ao espirito. Não quis fazer outra coisa senão mostrar como funciona o mecanismo intelectual de parte da *élite* portuguesa, revelar os processos segundo os quais no seu espirito se concatenam e organizam os pensamentos, e demonstrar mais uma vez a evidência que antes de pretender reformarmos as coisas, é o nosso próprio espirito que teremos de reformar. A Cruzada não está, intelectualmente, isolada na sociedade portuguesa. Sofrem dos seus vícios mentais todos os orfeístas, futuristas, integralistas, nacionalistas, saudosistas, que nesta terra ergueram o bárbaro pendão da frase vã e da confusão do espirito. O mal é profundo. E por o mal em foco é um dever

pedagógico, essencial, sem o qual se não concebe educação alguma capaz de nos transformar e de encaminhar o país no sentido da salvação.

Tentemos descobrir agora, através do caos, um ou outro ponto de luz. Diligenciemos procurar honestamente, no meio do ruído da lata fraseológica, os dois ou três *leit-motiv*, as duas ou três ideias centrais que parecem inspirar a Cruzada.

Embora a Cruzada nos afirme que «não é um agrupamento político» e que «não vem fazer afirmações políticas», a verdade é que o seu modo de ser é estruturalmente político. Se a frase adiante citada tem algum sentido, eu não posso encontrar-lhe outro que não seja um sentido político.

«A guerra e o problema russo — diz o manifesto — dividiram o mundo em dois campos distintos e opostos. Dum lado a ordem; do outro lado, a anarquia. Dum lado, a revivida tradição da autoridade imperial da velha Europa dos séculos XIV a XV; do outro lado a revolução, desencadeada por um messianismo sacrilego que já começa a afundar-se na própria tormenta que provocou. Entre tradição e revolução não há partidos nem estados intermédios. Entre tradição e revolução — há um abismo.»

E, pois, a Cruzada retintamente tradicionalista em política, como os sequazes da «monarquia integral» do sr. Maurras e os adaptadores portugueses das ideias do sr. Maurras, tão originais e portugueses, que adoptaram a própria designação de «integralistas». Entre a ordem e a anarquia não há para ela estados intermédios. E a ordem é, evidentemente, a ordem actual, a ordem realizada, o *statu quo*, o sistema de interesses económicos e princípios jurídicos que constituem o fundamento e a trama da sociedade de hoje. Querer atentar contra essa ordem, mesmo em nome duma concepção mais perfeita da ordem social, porque baseada numa maior justiça, é atentarmos criminosamente contra os fundamentos de toda a sociedade realizável, pronunciámo-nos abertamente pela anarquia. E o dilema apresenta ainda uma forma mais estranha: porque, no fim de tudo, a Cruzada só admite que possa hesitar-se entre duas das mil e uma concepções possíveis da política: dum lado a revolução russa, o bolchevismo, do outro lado, a revivida

tradição da autoridade imperial da velha Europa. Se não somos bolchevistas, temos, pois, de nos pronunciarmos pela revivida tradição da autoridade imperial. A Cruzada não nos permite que tomemos outro caminho no mundo social e político. E porque, Deus meu! Porque entre uma coisa e outra há... um abismo; e entre duas coisas que estão separadas por um abismo (os senhores estão a ver) não pode haver estados intermédios. Tais os princípios, tal a lógica da Cruzada Nunalvares. A sua mentalidade é caracteristicamente extremista. Não concebe conciliações nem aperfeiçoamentos. A tradição ocidental em bruto ou a «anarquia» oriental em bruto. Todas as outras vias nos estão fechadas. O mundo já disse, em matéria política, as últimas palavras. Por isso a Cruzada enfileira, embora se nos apresente como politicamente anódina, no vasto campo da Reacção: «Um povo inteiro aguarda que o reinstalem na sua tradição violada, na sua crença secular, na sua regalia, no seu foral, na sua liberdade, na inviolável paz dos seus direitos e dos seus deveres.»

Fora disto, o programa da Cruzada é comum, com mais estranhezas na forma e menos consequência nas ideias, a todo e qualquer programa político: acordar as energias, estimular as iniciativas, intensificar as riquezas, etc., etc. Em artigos sucessivos, e depois de termos exposto a doutrina integralista, tal como ela nos aparece formulada nos seus catecismos e nas suas diversas publicações, versaremos os problemas da Ordem e da Tradição em torno dos quais gravita todo o pensamento da Cruzada. E discutiremos se qualquer tradição se pode impôr racionalmente, só porque é tradição; e veremos se um conceito mais positivo e claro da ordem nos não obrigará necessariamente a ter de transformar profundamente a ordem realizada, e a tomar uma atitude oposta aos interesses hoje dominantes; se o socialismo não poderá mesmo ser definido como a doutrina que procura realizar as condições internas e espontâneas de toda a verdadeira ordem. Sob uma mesga de sol da razão, desfar-se há mais uma vez os nebulosos e equívocos das palavras.

RAÚL PROENÇA